
NATUREZA, RELIGIÃO

E IMAGINÁRIO: ASPECTOS

RELIGIOSOS DO POVO

COLARENSE*

DOI 10.18224/frag.v28i4.6633

JUSCELIO MAURO DE MENDONÇA PANTOJA**
MANOEL VITOR BARBOSA NETO***

Resumo: este trabalho apresenta uma análise sobre as características religiosas dos moradores da Ilha de Colares, município localizado na Microrregião do Salgado, nordeste paraense. Essas características perpassam por três elementos que se inter-relacionam: cultura indígena, sacralização da natureza e auto-identificação institucional, chegando a modificar, inclusive, aspectos fundamentais das denominações religiosas que lá se encontram. Utilizamos como metodologia para a realização deste trabalho a pesquisa bibliográfica, entrevista e fotografia. Nossa análise norteou-se pelos trabalhos de Galvão (1953) e Maués (2005) sobre as características religiosas dos amazônidas e Loureiro (2015) sobre a dimensão religiosa do homem amazônico a partir do imaginário. Estes trabalhos nos levaram a compreensão que as vivências e experiências religiosas do morador colarense dão conta de um ethos religioso profundamente marcado pela relação e sacralização da natureza, tendo no imaginário a expressão dessa dinâmica.

Palavras-chave: Ethos. Religiosidade. Sacralização da Natureza. Imaginário.

A visualização do nome “Amazônia” em trabalhos de que natureza for, gera fascínio e curiosidade e atiza o interesse em saber do que se trata. Talvez herança do que Becker (1991, p. 7) classificou como “imagens extremadas historicamente construídas”. Consideramos que para pensar esta região, do ponto de vista cultural, é preciso reconhecer suas particularidades e evidenciar a existência de amazônias, de forma a superar o erro da uniformização que invisibiliza as múltiplas identidades dos povos que nelas habitam.

* Recebido em: 20.08.2018. Aprovado em: 16.11.2018.

** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará - PPGCR/UEPA. E-mail: juscelicol@yahoo.com.br

*** Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará - PPGCR/UEPA. E-mail: neto_barbosa28@outlook.com

Ab'saber (2002, p. 7) pesquisando os ecossistemas amazônicos conclui que “o fato de a região ter sido apresentada sempre como o império das florestas equatoriais, de disposição zonal, acarretou distorções sérias nos estudos dos ecossistemas regionais”. Deste modo, ao se considerar as características naturais da região, seria mais adequado trata-las, independente da perspectiva que se olhe, a partir da pluralidade, não somente em trabalhos que abordem a biodiversidade, mas nos de perspectiva sócio, cultural, religiosa.

Este trabalho reflete sobre a religiosidade do povo colarense, compreendendo que suas características religiosas é uma das múltiplas formas do ser amazônida que compõe o mosaico da pluralidade religiosa presente na região. A configuração religiosa da cidade têm semelhanças com as de outras, o que não significa ser “a mesma coisa”. Ao observarmos o modo de vida do povo colarense, percebemos um ethos¹ religioso fortemente ligado às práticas indígenas e à sacralidade da natureza gerando modificações nas denominações religiosas lá presentes.

A discussão sobre o fenômeno religioso nas amazônias não é uma novidade, havendo vasta bibliografia sobre a temática, em que destacam-se: Eduardo Galvão, que na década de 50 pesquisou as características religiosas do caboclo amazônico; Heraldo Maués, que entre as décadas de 70 e 80, pesquisou a dimensão religiosa do caboclo amazônico em uma cidade do nordeste paraense; Anaíza Vergolino, que dos anos 60 a 90 pesquisou as religiões afrobrasileiras em Belém; e João de Jesus Paes Loureiro, que nos anos 90 pesquisou o imaginário poético-estetizante como marca identitária do amazônida. Estes estudiosos, posteriormente se tornaram referências sobre a temática, principalmente no Pará.

Este artigo foi construído a partir da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo, nos auxiliando no conhecimento dos aspectos histórico-social da Ilha e nos possibilitando compreender sua formação cultural e religiosa e como esta configura a identidade do ser colarense. Nos sustentamos nos trabalhos de MAUÉS (2005) sobre a dimensão religiosa do caboclo amazônico e a relação entre religião (enquanto denominação) e as práticas religiosas do amazônida e em LOUREIRO (2015) sobre o imaginário como característica identitária do homem amazônico. Ambos referenciam nossa compreensão do ethos religioso do povo colarense, este fortemente ligado à natureza.

“TODOS QUERIAM TE CONHECER²” – HISTÓRIA E ENCANTAMENTO DO LÓCUS DA PESQUISA

Diante de um cenário em que os ecossistemas naturais constituem a estrutura social e revelam o modo de ser diretamente ligado ao ritmo da natureza, em que a dinâmica do tempo prioriza fatos e vivências coletivas e o cotidiano marcado pela presença dos “mitos, lendas e rituais que ditam regras à vida local” (GOMES, 2012, p. 19) é que se encontra a ilha de Colares, conhecida por seus igarapés, praias e matas e por suas manifestações culturais e festas religiosas.

Colares dista 100 km da capital paraense, pertence à Mesorregião do Nordeste Paraense e à Microrregião do Salgado, separando-se do continente pelo rio Guajará-mirim e pelo Furo da Laura. Seu litoral é banhado pela baía do Marajó, observa os limites: Baía do Marajó ao norte; Santo Antônio do Tauá ao Sul; Vigia a leste e Baía do Sol a oeste e compreende uma área de 609.792 km² de extensão.

Dois relatos dão conta da existência da ilha de Colares desde tempos longínquos: o primeiro é de que o expedicionário Francisco Orellana, por volta do ano de 1545, influen-

ciado pelas lendas sobre a existência de terras ricas em ouro e canela e habitadas por guerreiras amazonas, saiu do Equador em busca do sonhado “El Dourado” e passou pela mesma (AZEVEDO, 1999, p. 24). O segundo diz respeito ao Padre Jesuíta Luís Figueira e seus companheiros, juntamente com o Governador Pedro Albuquerque, quando no ano de 1645, retornando de Portugal naufragou em frente à ilha.

Esta segunda narrativa dá conta da fundação da cidade contada pelos moradores mais antigos. Segundo eles, foi a partir deste naufrágio que os missionários da Companhia de Jesus se encontraram com os índios *aruans* dos tupinambás assentados na aldeia *Caaby*, às margens daquelas praias (BETTENDORFF, 1990, p. 65) e fixando-se ali, criaram a missão Caaby dos tupinambás por ser, segundo o Padre José de Moraes, “*um dos mais agradáveis lugares desta Costa para fundar uma cidade*” (AMARAL, 2004, p. 70).

As riquezas naturais da ilha, juntamente com a pluralidade dos seres das florestas e das águas (arraias, pássaros, cobras, botos etc.), associadas à relação homem e ambiente, dão vida e sentido ao imaginário que “concebe-a como lugar mágico, sagrado e com muitas energias” (SILVA, 2012 p. 19), alternando narrativas mítico-históricas entre a existência de seres encantados como a Cobra Maria Vivó, o Boto Malhado, a Matinta Perera, etc. e de seres do espaço, referindo-se ao fato ocorrido na década de 1970, quando moradores da ilha foram surpreendidos por Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs)³.

A ilha de Colares, desde o ano de 1693, teve sua história entrelaçada com a história do município de Vigia, quando o conselho de governo da província, promovendo uma organização dos municípios paraenses vinculou seu território às áreas deste município. Este processo, entre idas e vindas, perdurou até o ano de 1961 quando o Governo do Estado pela Lei Estadual nº 2.460, de 29 de dezembro, reconheceu oficialmente sua autonomia. Os anos de 1960 a 1980 entraram na história de Colares como o período da mudança com sua emancipação do Município de Vigia (1960); a abertura da rodovia PA 238 que a ligou à capital do estado e a outros municípios (1970); e a implantação dos serviços de energia e comunicação (1980). Tais mudanças possibilitaram a articulação rural-urbano, o acesso a bens e serviços e a vinda de turistas aos finais de semana, feriados e períodos de férias, bem como interessados nas narrativas sobre o “chupa-chupa”.

Sobre estas narrativas, segundo os moradores no ano de 1977, durante a noite, objetos muito luminosos apareciam e sobrevoavam a ilha, até que com ligeiros feixes de luz atacavam as pessoas causando queimaduras e pequenas perfurações na pele, havendo inclusive mortes associadas a isso. Esse evento trouxe para o centro da discussão a possível presença de seres extraterrestres e findou por introduzi-los no imaginário dos moradores, reforçando a ideia da cidade ser um lugar místico e encantado, dando-lhe títulos de “ilha de encanto e fantasia” e de “Cidade dos ETs”.

As crenças e narrativas sobre o ser extraterreno compõem o imaginário dos moradores. Elas, em limites quase imperceptíveis desenvolveram o elo entre o real e o mágico formando um mosaico de narrativas, mostrando como o imaginário foi adquirindo novos contornos sem que as narrativas se distanciassem. Para Pimentel e Fares (2013), na ilha de Colares, diversas narrativas se hibridizaram:

[...] ao moverem-se pela dinâmica do ato de narrar outros elementos foram incorporados aos textos fundadores da região. Assim, a cultura do ET passa a integrar o ambiente. [...] Os textos que já habitavam no universo simbólico da ilha fundem-se aos mitos extraterrenos. Daí o caráter dinâmico e mutável dessas narrativas (p. 16).

As narrativas presentes no imaginário do colareense oferecem uma visão de mundo e uma compreensão privilegiada dos significados sobre como este foi construído. Não diferente das outras regiões amazônicas constituem o conhecimento do morador local e representam sua riqueza cultural, tornando-se alicerce da sua identidade. Para Oliveira e Lima (2006) a afirmação identitária decorre da importância e da significação dada as narrativas míticas, que cria as especificidades do homem amazônico, seja “o ribeirinho, o caboclo, o índio, que revivem a sua origem em entes sobrenaturais e, que, de alguma forma, interferem na realidade presente influenciando no comportamento das pessoas” (OLIVEIRA; LIMA, 2006, p. 8).

Cultura, Imaginário e Religiosidade do Povo Colareense

Para Loureiro (2015), a cultura é entendida como configuração intelectual, artística e moral de um povo, podendo ser compreendida no processo de seu desenvolvimento histórico ou em um período delimitado de sua história. Em termos gerais, significa herança social da humanidade, indicando a síntese da construção do universo humano através de normas indissociáveis existentes no conjunto de determinada organização social.

As culturas amazônicas particularizam-se principalmente por sua herança indígena e a complexidade dessas culturas intensificaram-se quando ocorreram os primeiros contatos entre índios, europeus e africanos. Para Maués (1999), a identidade amazônica é constituída por negros, índios, caboclos, mulatos, tapuios, mestiços, paraoaras, etc. e essa mistura tornou-se a expressão popular da região e constituiu-se numa cultura com rosto próprio, predominando elementos indígenas miscigenados com as culturas negras e europeias, onde o ator principal é o caboclo e sua cultura tem origem na inter-relação com a natureza.

Conhecer as amazônias implica adentrar na diversidade de culturas que compartilham e constroem hábitos, modos de ver a vida, ritos e crenças onde a relação com a natureza e os mitos expressam o maravilhamento que representa o imaginário coletivo, revelando o pensar do homem amazônico e sua relação com divindades e encantarias, aspectos imprescindíveis do seu ser. Compreendê-lo, pressupõe desvelar seu cotidiano e considerar o contexto de suas manifestações e práticas culturais, percebendo que os diversos povos desenvolvem um estilo de vida próprio; transmitem seus costumes de geração em geração, onde palavras, gestos, e práticas rituais acumularam-se e revelam um modo singular de vida, sustentado num “intenso relacionamento com a floresta e os rios, e que tem no imaginário sua forma de se situar no mundo” (LINS, 2006, p. 1).

Ao refletirmos esses aspectos no cotidiano do morador da ilha, os consideramos como uma forma única de “amazonicidade” (LOUREIRO, 2014) por entendê-los como aspectos constituintes do seu universo poético-estetizante; como seu ethos, ou seja, elementos que ao invés de racionalizados e explicados, são percebidos e sentidos por eles, “aquele universo mítico e aquela cotidianidade da relação do imaginário” (LOUREIRO, 2014, p. 36) e que são perceptíveis em todas as dimensões da vida, onde a natureza se constitui como elemento central. Para Loureiro (2014), a percepção, o reconhecimento e a criação dessa relação cultural entre o homem e a natureza, entre o real e o surreal, entre o comum e o fantástico se dá na dimensão do imaginário, pois ele é o leve contorno e o delicado sombreamento que poetiza essa relação. É fator cultural que estabelece imprecisa separação entre as partes constitutivas

da realidade; “é nesse ambiente pleno de instigações à imaginação simbólica que caminha/navega o homem da Amazônia” (LOUREIRO, 2014, p. 38).

A forma como se deu a relação pessoa e ambiente em Colares, sem dúvida foi responsável pela construção do imaginário que dá conta de lugares místicos como o Rio Novo, o Pau do Descanso, A Montanha, a Praia do Machadinho e a Sumaumeira; de fenômenos sobrenaturais como o fogo fátuo e a tromba d’água; e de seres encantados como a Cobra Maria Vivó, a Matintaperera, o “Dá”⁴, o Zé Pretinho, a Mãe d’água, o carneirinho de São João⁵. Para Galvão (1953, p. 9) a relação com os seres encantados baseia-se na crença de que estes possuem malignidade, sem exprimir um antagonismo entre o homem e o ambiente, mas apoia-se na ideia de que os seres “controlam ou dominam um setor meio: espécies animais, a mata, a água ou qualquer acidente natural. [...] pertencem à categoria de entidades protetoras da natureza”.

Essas crenças são percebidas no cotidiano do colarense desde o pedido de licença para adentrar nas matas e igarapés, até a busca de tratamento e cura para as “malinesas”, através dos pajés e benzedeiros. O encantamento que a natureza exerce sobre ele transcende a denominação religiosa na qual se identifica, perpassando pela compreensão de sacralidade da natureza, base de sua religiosidade. Castro (2014, p. 13) ao referir-se à religiosidade presente em Colares, afirma que “praticamente todas as esferas da vida são perpassadas por valores sagrados, a começar pelo imaginário que circula a respeito da ilha, frequentemente referida como lugar mágico e com muita energia”.

Esses valores sagrados possibilitam a continuidade das crenças nos poderes das plantas, dos animais, dos sortilégios, das águas, das matas e das encantarias, lugar imaginário onde habitam as divindades do “caboclo teogônico da Amazônia” (LOUREIRO, 2000b, p. 371), realçando o caminho entre os acontecimentos cotidianos e sua concretização na cultura, que promove a valorização e o prazer do ato de contemplar as coisas. Assim, o imaginário faz do maravilhamento condição cotidiana de existência e revela uma sociedade que se encanta de si mesma.

A ABSORÇÃO DA MODERNIDADE PELO IMAGINÁRIO: AS NARRATIVAS UFOLÓGICAS

Como já dito anteriormente, as décadas de 60, 70 e 80 marcaram profundamente o cotidiano do povo colarense, período em que o município recebeu considerável investimento para integração com o Estado e também sofreu profunda mudança no seu imaginário, sendo o símbolo desta as narrativas do chupa-chupa. Neste trabalho, lemos esse fato como uma das formas encontradas pelos moradores para situarem-se ante as dinâmicas socioculturais que se instalavam, de modo que o “chupa-chupa”, comumente representado pela figura do E.T., pode ser pensado como o elemento que saiu do seu local originário e “invadiu” o espaço do outro tão fortemente que mais tarde passou a ser visto como nativo e foi absorvido e interpretado pelo imaginário que “com sua infinita possibilidade simbólica é o local onde se pode trazer à tona o material essencial para reflexão e a transmissão de um saber sobre a existência” (ALMEIDA; SEMINÉRIO, 2005, p. 02).

Loureiro (2015) afirma que “certos processos sociais concorrem para reforçar o fértil manancial do imaginário, ou são por eles sustentados” (p. 89), assim, o ser extraterrestre integrou-se ao imaginário mítico da ilha, tornou-se uma personagem importante nas suas

narrativas e modificou a paisagem local, conforme se pode notar nas fotografias que se seguem: a primeira é a fachada de uma barbearia, visitada no período da pesquisa de campo, pertencente ao Sr. Éden Correa (34 anos), cabeleireiro, pintor, desenhista e artesão e que também fabrica em cimento e gesso elementos que compõem o cotidiano da ilha, dentre eles as figuras do disco voador e do ET. A fachada demonstra uma reconfiguração do imaginário - , que constituído a partir da relação homem e natureza - representada nos animais, pássaros e plantas - agregou às suas narrativas os seres encantados como a cobra Maria Vivó, o boto pintado e a arraia (atrás do disco voador) e ainda, nos elementos ufológicos, representados nos extraterrestres e no disco voador⁶.



Figura 1: Fachada da barbearia do Éden, composta por diversos elementos do imaginário local. **Fonte:** Acervo próprio.

Em relação ao ato de tornar concreto e visível as narrativas do imaginário, Loureiro (2009, p. 1), afirma que “ao serem narradas como mito, as encantarias são transfiguradas também em formas significantes. E, como formas significantes da expressão simbólica do sentimento, assumem a dimensão estética”. Assim sendo, a partir da disposição de cada um dos elementos presentes na fachada fotografada, é possível entender que houve um processo de inserção do ser extraterreno na vida do povo colarense: ao olharmos a personagem da esquerda para a direita, na primeira escultura, ela aparece em uma nave como se estivesse em viagem, indo em direção a Colares. A segunda, fixada sobre a parede, sentada em um objeto parecido com uma raiz de árvore, pode ser vista como aquele, que na hospitalidade foi “convidado a sentar-se” porque encontrou quem o acolhesse, nesse caso o povo, representado pela arraia, animal aquático que é um dos símbolos identitário do ser colarense (“papa arraia”). Tão forte é a ligação deste animal com o morador, que segundo este, existem duas formas de ser colarense: a primeira é nascer ali e a segunda é ter sido ferrado por este animal, como uma espécie de batismo.

A terceira imagem, atrás da coluna do meio, próximo à porta, mostra o ser extraterrestre em um momento liminar, em processo de “absorção”: ele está sentado em uma posição que indica introspecção, como se estivesse tentando compreender o espaço que agora habita. E finalmente na última escultura, o ET encontra-se totalmente integrado no imaginário: sentado, ele sustenta em suas mãos um globo, em seus pés, agora calçados, observa-se plantas de várias espécies, atrás dele, várias espécies de animais o observa e a sua frente, na mureta, encontram-se representações da cobra Maria Vivó, - o mais importante ser encantado da cidade -, há ainda, no canto inferior direito, o boto malhado, outro encantado presente nas narrativas locais.

Ao considerarmos a figura do ET como símbolo do processo de modernização da cidade, percebemos a poetização e organização desse processo na cultura local, onde mais do que a chegada de bens e serviços, a modernidade trouxe consigo outra forma de ser e estar no mundo, que se encontra com outra forma de ser e estar, e ambas passam pelo cognitivo do colarense “acentuando a passagem do banal para o poético” (LOUREIRO, 2009, p. 84). Nesse sentido muito mais que ações de integração da cidade com o Estado, este processo pode ser entendido como reconfiguração do mundo colarense, pensado e representado pelo imaginário explicando as novas condições na qual se encontra a cidade.

A segunda fotografia diz respeito ao quadro em exposição dentro da barbearia, também pintado por Éden Correa. Nele é possível perceber elementos do cotidiano dos moradores, tais como: as crenças em lugares encantados e a memória do fenômeno ufológico, confirmados na explicação dada por ele próprio, ao ser perguntado sobre as motivações que o levaram a pintá-lo e que de forma categórica, apontando para cada um dos elementos disse:

Pintei o pescador porque é uma coisa muito nossa, né? A gente pode até não saber ler e escrever, mas com certeza sabe pescar. Pintei a ‘sumaumeira’, porque ela, além de ser centenária, é encantada. E tem mais: se ela falasse, rapaz, Já era! E eu coloquei o ‘Chupa-chupa’ porque ele faz parte da nossa história. Não adianta negar que isso já faz parte da nossa cultura. Aconteceu aqui na nossa ilha, né? Às vezes eu acho que isso é coisa espiritual, Sei lá!



Figura 2: Quadro intitulado pelo autor de “Sumaumeira”, em que se tem presente alguns dos elementos que constituem o imaginário dos moradores da ilha.

Fonte: Acervo próprio

Na sua explicação, o pintor apresenta elementos configuradores do imaginário colarense: a figura do pescador no seu trabalho diário, expressa o cotidiano da ilha: o ir e vir; os saberes; e a contemplação e relação com a natureza, representadas pela imensidão das águas, local de onde se tira o alimento e também morada dos seres encantados. Acima do pescador, encontra-se uma representação do chupa-chupa, nesta cena, misturam-se narrativas orais e registros históricos, haja vista que este foi o local escolhido pelos militares para ser base da operação prato.

Atrás dos pescadores, se apresenta de forma imponente a samaumeira, que comparada às outras figuras tem maiores dimensões, evidenciando ser um elemento importante do seu mundo. Representada pelas folhagens, já que na maior parte do ano ela encontra-se sem folhas, ela se apresenta prenhe de vida e de encantamento. É “encantada” porque sabe os segredos do povo e está em contato com ele pela via do imaginário e o alívio expressado no fato dela “não falar”, demonstra o quanto a mesma comunica sobre a vida do colarense. A posição da samaumeira na tela expressa muito bem a compreensão do pintor sobre a mesma: atrás dos pescadores, ela encontra-se com que observando tudo o que acontece.

O ser extraterreno representado através da nave em um tamanho pequeno, pode se uma indicação do grau de importância na vida do povo colarense, revelando que alterações ocorridas no imaginário não indica substituição, mas ajuste, adição, precisando do exercício cognitivo do nativo para se compreender sua presença. Exercício que se dá através da poetização estética pela via do imaginário (LOUREIRO, 2015).

Essas representações poéticas pelo imaginário despertaram o interesse de pessoas que animadas pela fama de lugar místico foram “fazer a experiência de vida alternativa nesse lugar tranquilo e rico de atrativos naturais que expressam a profunda relação entre os nativos e a natureza” (VILLACORTA, 2011, p. 29), reforçaram o status místico da ilha e deram ainda mais vigor ao ethos que, apesar das novas condições impostas pelos processos de integração com o Estado, não permite perder a profunda comunhão e relação com a natureza.

RELIGIÃO E ETHOS CULTURAL DO POVO COLARENSE

Paralelo a essas narrativas e considerando os dados sobre religião, apresentados no Censo 2010 do IBGE, algumas informações causam certo estranhamento, dentre elas, duas instiga-nos o olhar em vista deste artigo. Apresentamos os dados do IBGE sobre as características religiosas do povo colarense:

Quadro 1: Censo das religiões do Município de Colares

Grupo	Caractrística	Denominação	Pessoas
Sem Religião	Ateu	-	5
	Sem religião	-	296
Católica	-	Apostólica Brasileira	191
	-	Apostólica Romana	8.849

continua...

Grupo	Caractística	Denominação	Pessoas
Evangélica	Missão	Adventista	224
		Batista	218
	Pentecostal	Assembléia de Deus	1.024
		Deus é Amor	48
		Igreja do Evangelho Quadrangular	257
		Igreja Universal do Reino de Deus	39
		Outras	47
	Não determinadas	-	79
Espírita	-	-	20
Judaísmo	-	-	29
Não determinada e múltiplo pertencimento	Religiosidade não determinada ou mal definida	-	10
Novas Religiões Orientais	-	Igreja Messiânica Mundial	11
Testemunhas de Jeová	-	-	27
Não Sabe	-	-	6

Fonte: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/colares/pesquisa/23/22107?detalhes=true>>. Acesso em: 10 fev. 2018.

Um estranhamento diz respeito à ausência da autoidentificação de pessoas ligadas às crenças e práticas religiosas indígenas apesar de haver nas opções do Censo 2010 um item relacionado à temática. Outro se relaciona à ausência de autoidentificação das pessoas ligadas às religiões afro-brasileiras, haja vista que durante a pesquisa registramos a existência de seis terreiros.

Iniciaremos nossa análise pelo segundo estranhamento apontando como possível resposta o fato de que os estudos sobre religião, de modo geral, ao caracterizar o campo religioso das cidades brasileiras sempre evidenciam a tríade “católicos, evangélicos e religiões de matriz africana”, devido à relação de conflito e tolerância existentes, não sendo diferente em Colares, onde os discursos hegemônicos de determinados grupos religiosos buscam suprimir as tradições afro-brasileiras, como indica Albuquerque (2015) na sua pesquisa sobre a religiosidade e saberes escolares no município de Colares. Ela evidencia como os discursos de professores católicos e/ou evangélicos evidenciam a hegemonia do cristianismo ocultando a presença não somente das religiões afro-brasileiras, mas também da pajelança.

Albuquerque (2015, p. 198-199) apresenta as falas de uma professora de Ensino Religioso que questionada sobre a existência de outras práticas religiosas (não cristãs) na cidade, respondeu existir a questão dos terreiros, nunca foi em um e não tem interesse em conhecer. Disse ela: “Eu não acredito, também não acho importante colocar [em sala de aula]”. Em outro trecho da entrevista, a professora reverbera seu discurso:

Eu sei, deveria ser colocado [nos programas], mas na minha opinião coloco assim, superficial. Por exemplo, tem um livro que eu uso, ele trata de todos os assuntos, dos africanos, dos católicos, fala de Umbanda, fala de tudo isso, mas eu coloco nas aulas conceitos. Não que eu vá querer conhecer, entendeu? Eu tenho livro que tratam desse assunto, só que não dou muita importância. Não sei te explicar. Porque sou católica também. Então não posso colocar porque não tenho muito conhecimento. Não vou tratar com eles uma coisa que desconheço (entrevista com a professora Marize, 2012).

Sobre o primeiro estranhamento, que trata da ausência de autoidentificação de pessoas ligadas às práticas religiosas indígenas, com devidas ponderações, sustentamos nossa justificativa nas pesquisas do antropólogo Heraldo Maués, realizadas em Itapuá (povoado de pescadores do município de Vigia, cidade vizinha de Colares), entre os anos de 1975 a 1986. Ao falar sobre a religião do caboclo amazônico, este autor afirma que “os pajés, [...] de modo geral, consideram suas crenças e práticas como parte integrante do catolicismo que praticam, não se considerando como sacerdotes de um novo culto, ou um culto concorrente do catolicismo” (MAUÉS, 2005, p. 271). Destarte, considerando o campo de pesquisa, reforçamos nossa argumentação a respeito do ethos religioso indígena presente na ilha de Colares: Ele não se constitui uma denominação religiosa com o catolicismo, o pentecostalismo ou as demais denominações apresentadas no Censo 2010 do IBGE; localiza-se em um nível mais profundo, enraizado de tal maneira, e não poderia ser diferente, que perpassa as diferentes tradições religiosas, chegando inclusive, a reconfigurá-las.

Duas pesquisas realizadas na ilha exemplificam como esse ethos indígena perpassa a experiência de filiação a uma instituição religiosa e constitui as práticas religiosas dos sujeitos, ainda que vez ou outra seus discursos indiquem uma oposição: a primeira, realizada por Ayres (2017), diz respeito ao senhor Jorge, um membro ativo da comunidade católica local, cujas práticas religiosas são percebidas por muitos, como pajelança ou algo similar.

Seu Jorge, ao ser entrevistado por esta pesquisadora, assegurou que ao realizar as orações, ocorridas em espaços fora da igreja, não sofre nenhum tipo de possessão ou algo semelhante à incorporação de entidades, como quando frequentava terreiro e atribui toda a ação durante a oração à intervenção do ‘Deus católico’ de quem ele acredita ser instrumento (AYRES, 2017). E mesmo sendo enérgico em dizer que suas práticas de oração não têm ligação com práticas de outras religiões, sugeriu que dependendo do caso, ele consegue até mesmo sentir o que a pessoa está sentindo, afirmando que algumas pessoas são ‘punidas’ por não estarem em dia com suas obrigações cristãs, pois “quando você não procura fazer uma boa confissão ou até mesmo fazer o bem ao seu irmão, você acaba atraindo para si coisas ruins e o seu espírito acaba adoecendo” (AYRES, 2017, p. 45).

As explicações do seu Jorge expressam o entrelaçamento em sua memória e em seu discurso de elementos advindos da pajelança, como por exemplo, a ideia de “malineza”, que segundo Maués (1995), trata-se de uma noção oposta ao princípio cristão da caridade e associa-se no imaginário à ideia de inveja e no plano humano, também “está associada a outros conceitos como os de mau-olhado, quebranto, panemeira e feitiçaria” (MAUÉS, 1995, p. 216). Ainda para este autor, a capacidade de ‘malinar’ constitui uma categoria central da cultura amazônica vinculada à noção de doença.

Para seu Jorge, esta noção de doença do espírito, está intimamente ligada à expressão simbólica do imaginário que traz consigo representações sobre as maneiras de adoecer e

suas possíveis intervenções curativas. E neste caso específico, a compreensão é de que há uma força presente, causada única e exclusivamente pela negligência e descaso da pessoa, que interfere não somente no seu corpo, mas também na sua alma e a expectativa de cura pauta-se no alcance do divino, na busca por uma mudança espiritual capaz de atingir o corpo e assim reordená-lo (VIVEIROS DE CASTRO, 2002).

A segunda pesquisa é a de Silveira (2016), que tem como objeto de análise o que ela classificou como “saberes mágico-religioso-terapêutico” de duas mulheres da ilha. Para este trabalho trazemos o caso de dona Ana⁷, uma senhora evangélica, que de acordo com a pesquisadora, transitou por diversas igrejas, antes de estar adepta da Igreja Universal do Reino de Deus: Por algum tempo foi católica, depois frequentou a Igreja Adventista, posteriormente a Assembléia de Deus até estar onde se encontra hoje, o que não se revela interessante para esse trabalho, haja vista o que relatamos foi somente seu trânsito religioso.

Ao considerarmos as conclusões de Heraldo Maués expostas anteriormente, essa religiosidade de sacralização da natureza não se constitui denominação, é ethos. É nesse momento que dona Ana se torna importante neste trabalho: Dona Ana tem um dom, que foi despertado quando jovem através de um pajé local, no período em que este realizava sessões de cura para tirar o fado de matintaperera que haviam colocado nela. Durante o tratamento, ela começou a sentir vontade em aprender os segredos das plantas, e, através desse processo, aprendeu a fazer as garrafadas. Silveira (2016) informa que o surgimento do dom de dona Ana começa aos 20 anos e não sofre nenhum tipo de anulação no decorrer do trânsito religioso no qual passou, nunca deixando de usar o seu dom de fazer as garrafadas. A autora nos informa que:

[...] durante a entrevista, deixou escapar que fazia vendas de garrafadas para os membros da igreja, inclusive para o pastor da Assembléia de Deus e sua esposa: “cansei de vender pro pastor, para mulher dele. Ela tinha um negócio de uma inflamação, aí ele comprava, vinha aqui de moto” (SILVEIRA, 2016, p. 103).

Para nós, os casos apresentados reverberam o que Galvão (1953), disse sobre o indivíduo e a comunidade buscarem outras crenças e práticas que juntas com as práticas católicas, compõem sua religião. Neste contexto o catolicismo torna-se “uma filosofia de vida que se sobrepõe as ideias locais, cuja origem é diversa, mas que dependem, sobretudo, de influências ameríndias, absorvidas na moderna cultura amazônica” (p. 4-5). Entretanto, cabe-nos também sugerir um adendo ao se fazer a leitura de Galvão: substituir “catolicismo” por “cristianismo”, assim, ambos os casos apresentados, expressam como essa religiosidade de sacralização da natureza se configura e dá rostos próprios em cristianismos diferentes.

Ao pesquisar as práticas de pajelança cabocla na ilha de Colares, Villacorta (2014) considera alguns elementos que para ela estão entrelaçados: as benzedadeiras, as parteiras, as erveiras, etc. e acentua que durante suas pesquisas *in loco*, pôde identificar seis curadores ou pajés residentes na ilha, demonstrando que a busca pela prática da pajelança ultrapassa o sentimento de adesão a uma instituição religiosa sendo comum ao morador da ilha identificar-se com uma religião específica, mas reconhecer que já buscou curas e outros serviços na pajelança, o que reverbera também o que Maués (2005) assertivamente, ao analisar a composição cultural da região amazônica, reconheceu: a combinação entre as matrizes indígenas, europeias e africanas semeadas nesta região, convergiu para a peculiaridade de um arranjo social

de convivência com crenças em pajés, feiticeiros, curandeiros, etc., resultando esses saberes em símbolos, rituais e crenças com forte oralidade indígena.

Assim, a cultura cabocla amazônica, segundo Loureiro (2015, p. 52) deve ser compreendida para além das limitações que a questão étnica pode impor. Entende-se como “uma cultura dinâmica, original e criativa que revela, interpreta e cria sua realidade. Uma cultura que, através do imaginário, situa o homem numa grandeza proporcional e ultrapassadora da natureza que o circunda”, senso possível entender que a região amazônica, é a expressão de “um mundo onde os deuses ainda não estão ausentes, onde as pessoas são capazes de prodígios diante da natureza e da vida, onde ainda não se deu o desterro do numinoso” (LOUREIRO, 2015, p. 33).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa intenção com este trabalho foi refletir sobre a religiosidade do povo colarense por entender que, apesar da importância que a Amazônia e suas microrregiões têm, o conhecimento sobre sua diversidade, as formas de vida diferenciadas e as cosmovisões presentes ainda permanece limitado, inclusive pelas rotulações imputadas ao longo do tempo, processo que pode ser entendido como uma invisibilização histórico cultural que na prática, também se traduz na invisibilização religiosa. Centramos nossa reflexão especificamente nas experiências que consideram o imaginário como expressão da relação homem e natureza, como forma de reconhecer a identidade local e afirmar um ethos religioso presente até os dias atuais, como afirmado por Loureiro (2014): que ainda retém a configuração de um meio ambiente sagrado e seus símbolos predominantes, o seu ethos, vêm da cultura como expressão humana da natureza enquanto valor repercutindo na vida e no imaginário.

Nossa delimitação ao nos referirmos à Amazônia assegurou a presença de amazônias nesta imensa região, firmando-nos na certeza de não ser esta região nem única e nem monocultural, não podendo ser outra coisa senão plurirreligiosa. Ressaltamos, entretanto o necessário afunilamento quando adentramos no cerne da pesquisa, a religiosidade como ethos cultural e neste caso, designamos uma Amazônia de “encantos, mistérios e fantasias”, inserida no universo geográfico e cultural da Ilha de Colares, na micro região do salgado do nordeste paraense.

É a constituição física da ilha, o olhar de maravilhamento que o nativo lança sobre ela e as crenças e práticas religiosas ligadas aos elementos da natureza que a caracteriza como peculiar, tanto no que se refere aos modos de vida, ao imaginário e a relação homem e sacralização da natureza, dentro desse mundo caracterizado como místico. Somente foi possível este trabalho pela abertura ao diálogo interdisciplinar entre antropologia, história, literatura e ciências da religião que possibilitou a elaboração de uma reflexão pertinente sobre a importância da cultura e da religiosidade amazônica no atual cenário de discussão sobre a cultura, identidade e religião.

NATURE, RELIGION AND IMAGINARY: RELIGIOUS ASPECTS OF THE COLARENSE PEOPLE

Abstract: This work presents an analysis about the religious characteristics of the inhabitants of Colares Island, a municipality located in the Microregion of Salgado, northeastern paraense. These

characteristics permeate three elements that are interrelated: indigenous culture, sacralization of nature and institutional self-identification, and even modify fundamental aspects of the religious denominations that are there. We used as a methodology for the accomplishment of this work bibliographic research, interview and photography. Our analysis was guided by the works of GALVÃO (1953) and Maués (2011) on the religious characteristics of the amazonians and LOUREIRO (2015) on the religious dimension of amazonian man from the imaginary. These works have led us to understand that the experiences and religious experiences of the inhabitant of the region reflect a religious ethos deeply marked by the relation and sacralization of nature, having in the imaginary the expression of this dynamic.

Keywords: *Ethos. Religiosity. Sacralization of Nature. Imaginary.*

Notas

- 1 O termo ethos referido neste trabalho se sustenta no pensamento de João de Jesus Paes Loureiro (In: Do local ao global - Revista Sentidos da Cultura - Belém/Pará, v. 1, n. 1. Jul./dez. 2014) que aponta para a expressão simbólica da cultura. Que está relacionado mais ao modo de ser e de sentir do que como uma forma de demonstração racional. Dá conta da vivência, do pertencimento e adesão a uma cultura.
- 2 Trecho retirado da primeira estrofe do Hino do Município de Colares. A estrofe aponta que após seu “manto verde” (floresta) ser rasgado (abertura da rodovia PA 238) o desejo de todos que ouviram falar da ilha, de suas praias e riquezas naturais, era o de vir vê-la e conhecê-la pessoalmente.
- 3 Este fato passou a ser chamado pelos moradores de “Chupa-chupa” e diz respeito ao aparecimento, à movimentação e aos ataques de Objetos Voadores Não Identificados (OVNIs), desdobrando-se na investigação militar conhecida nacionalmente como “Operação Prato”.
- 4 É um ser encantado que aparece aos pescadores que pescaram mais que o necessário. Como forma de assustá-los e fazê-los parar a pesca ele adquire proporções gigantescas, aponta o seu falo e fala “ou dá, ou corre” e os pescadores amedrontados, se retiram do local sem levar os peixes.
- 5 A imagem de São João Batista com um carneirinho no braço esquerdo, segundo os moradores mais antigos, foi achada por um pescador ainda no tempo da Colônia e levada para a capela, mas o santo sempre sumia, até que um dia, alguém, antes de pôr a imagem no nicho, disse em seu ouvido “Fica, meu São João do Carneirinho. Se ficares, todo mês de junho, tu vais ser o padroeiro de todas as festividades” e só depois dessa promessa ele não sumiu mais. Porém muitos pescadores dizem já terem visto nas noites de luar o carneirinho branco passeando na frente da igreja, até que de repente, pulando e bailando, volta para a igreja antes de o sol nascer.
- 6 Sobre a influência do fenômeno ufológico na reconstrução do imaginário local, ver Poéticas orais na Ilha de Colares – PA: proposta para uma Cartografia da voz e da Cultura (FARES; PIMENTEL, 2013).
- 7 Nome fictício dado pela autora da pesquisa para a senhora pesquisada.

Referências

- AB’SABER, A. N. Bases para o estudo dos ecossistemas da Amazônia brasileira. *Revista Estudos Avançados*, n. 16, 2002.
- ALBUQUERQUE, M. B. B. Narrativas orais sobre religiosidade e saberes escolares no município de Colares (PA). *Revista História Oral*, v. 18, p. 179-206, 2015.
- AYRES, M. A. Um católico em Colares: biografia de um religioso. *Trabalho de Conclusão de Curso* (Graduação em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará, 2017.
- ALMEIDA, N. F. de; SEMINÉRIO, F. L. P. *Cognição e emoção: a importância do imaginário para a metacognição e a educação*. Disponível em: <http://www.ufrj.br/leprans/arquivos/Arquivo_06_COGNICAO_E_EMOCAO_A_imp.pdf>. Acesso em: 25 maio 2018.

- AMARAL, R. do. *Fundação de Belém do Pará* – Jornada de Francisco Caldeira Castelo Branco em 1616. Brasília: Senado Federal; Conselho Editorial, 2004.
- AZEVEDO, J. L. de. *Os Jesuítas no Grão-Pará* – suas missões e a colonização, Lisboa 1901 - Série lendo o Pará n. 20. Belém: SECULT, 1999.
- BECKER, B. K. *Amazônia*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- BETTENDORFF, Pe. J. F. *Crônica da missão dos padres da Companhia de Jesus no Estado do Maranhão*. 2ª. ed. Belém: Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 1990.
- CASTRO, D. T. de. Senhora da cura: um estudo sobre a trajetória e os saberes de uma curadora na Amazônia. Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2014.
- GALVÃO, E. *Vida religiosa do caboclo da Amazônia*. Boletim do Museu Nacional, Rio de Janeiro, 1953.
- GOMES, J. dos R. *A Influência dos Mitos e Lendas no cotidiano de três Comunidades de Colares/PA*. In: Anais da XV Jornada de Extensão da UFPA. 2012. Disponível em: <<http://proex.ufpa.br/DIRETORIO/DOCUMENTOS/DPP/JORNADAS/XV/AnaisXVJornada.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2018.
- LINS, A. S. A. de A. Cultura Cabocla como vontade de Identidade Amazônica: conexões entre a obra científica de João de Jesus Paes Loureiro e o filme curta-metragem “Chama Verequete”. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006.
- LOUREIRO, J. de J. P. *A cultura amazônica e suas múltiplas vozes*. Obras Reunidas. Vol. III. São Paulo: Escrituras, 2000b. p. 369-378.
- LOUREIRO, J. de J. P. Mundo Amazônico: do Local ao Global. *Revista Sentidos da Cultura*, Belém/Pará, v. 1, n. 1, jul./dez. 2014.
- LOUREIRO, J. de J. P. A etnocologia poética do mito. *Ensaio Geral*, Belém, v. 1, n. 2, jul./dez. 2009.
- LOUREIRO, J. de J. P. *Cultura Amazônica - uma poética do imaginário*. João de Jesus Paes Loureiro. 5ª. Ed. - Manaus: Editora Valer, 2015.
- MAUÉS, R. H. *Padres, pajés, santos e festas: catolicismo popular e controle eclesiástico: um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia*. Belém: CEJUP, 1995.
- MAUÉS, R. H. *Uma outra “invenção” da Amazônia: religiões, histórias, identidades*. Belém: Cejup, 1999.
- MAUÉS, R. H. Um aspecto da diversidade cultural do caboclo amazônico: a religião. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 19, n. 53, p. 259-274, 2005.
- OLIVEIRA, S. M.; LIMA, A. S. de. *O Mito na formação da identidade*. Dialógica (Manaus), MANAUS, 31 jul. 2006.
- PIMENTEL, D.; FARES, J. A. Poéticas orais na Ilha de Colares-PA: proposta para uma cartografia da voz e da cultura. *NAU LITERÁRIA*, v. 09, p. 01-20, 2013.
- SILVA, D. D. da S. e S. *Plantas poderosas: magia, práticas de cura e saberes de uma curandeira em Colares*. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade do Estado do Pará, Belém, 2012.

SILVEIRA, D. D. Mulheres curadoras e saberes terapêuticos-mágicos-religiosos. *Dissertação* (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2016.

VILLACORTA, G. M. *Rosa Azul: uma xamã na metrópole da Amazônia*. Tese (Doutorado em Antropologia) - Departamento de Antropologia, Universidade Federal do Pará – UFPA, Belém, 2011.

VILLACORTA, G. M. A “Pajelança Ecológica” de “Rosa Azul”, uma Xamã na metrópole da Amazônia (Belém-PA). *Revista Estudos Amazônicos*, v. 21, p. 1-17, 2014.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: COSAC & NAIF, 2002.